

M-93-03



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

7.0
1.

MONOGRAFIA

" O Surto Algodoeiro no Período de 1860 a 1870 no Rio Grande do Norte "

Pesquisador(a): Joana D'arc de Araújo

Orientadora: Marlene da Silva Mariz



Natal, (RN) 1993



Joana D'arc de Araújo

" O Surto Algodoeiro no Período de 1860 a 1870 no Rio Grande do Norte "



**Monografia apresentada ao Departamento
de História da UFRN, para a obtenção do
grau de Bacharelado em História.**

Natal/RN, 1993



SÚMARIO

INTRODUÇÃO	4
1 - Considerações gerais sobre a questão algodoeira	5
2 - O algodão na economia brasileira e no nordeste	7
3 - A posição da cultura algodoeira na vida sócio/econômica Norte riograndense no período de 1860 a 1870.	10
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	12
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	13



INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo averiguar o grau de importância do algodão na economia do Rio Grande do Norte no período compreendido em 1860 a 1870.

Analizamos a fase áurea da exportação do algodão para o mercado externo na década de 60 e 70 no Rio Grande do Norte, uma vez que chegando ao fim dessa fase, não significou sua estagnação ou retrocesso no quadro econômico da província. Pelo contrário, foi a partir desse momento que o produto passa a ocupar uma das principais atividades agrícola do Estado.

Isto posto, este trabalho procurou analisar a política agrícola dessa época, com o propósito de resgatar as transformações econômicas políticas e sociais que a cotonicultura gerou como produto de exportação.

O tema "O Surto Algodoeiro no período de 1860 a 1870 no Rio Grande do Norte" é de grande interesse, uma vez que é de fundamental importância na economia potiguar por ser a principal atividade agrícola comercial do Estado.

A preocupação básica deste estudo neste período foi de resgatar a participação do Rio Grande do Norte com sua produção algodoeira durante a Guerra de Secessão, quando os E.U.A. não podia atender ao mercado europeu. Conseqüentemente a grande demanda frente a uma baixa oferta do produto, gerou uma alta subida de preços favorecendo melhorias para a nossa economia. Por outro lado o algodão encontrou no mercado interno a grande possibilidade para sua expansão, estava iniciando-se a Divisão Internacional do Trabalho.

Foi tomado este período de 10 anos, porque o mesmo engloba a produção algodoeira Norte-Riograndense no mercado procurando esclarecer os fatores que contribuíram para as transformações econômicas políticas e sociais que o algodão gerou como produto de exportação.



1 - Considerações gerais sobre a questão algodoeira

O algodão planta asiática, mas também americana, em uma de suas variedades arbóreas, denominada "GOSSIDIUM BRASILIENSE", é planta nativa do Brasil. Fiado o tecido pelos índios na época pré-colonial, no Brasil a primeira referência aos tecidos de seus naturais, provavelmente de algodão, é a de Pero Vaz de caminha, quando escreveu ter visto uma índia de Porto Seguro com uma menina ou menino no colo "atado com um pano não sei de que". Hans Staden confirmou essa utilização, acrescentando-lhe outras, como o preparo de flechas incendiárias, descreveu a planta e mencionou o comércio do algodão, pelos indígenas, feito com franceses que freqüentavam a costa leste do Brasil. Também o Padre Nóbrega anotou a sua abundância entre os indígenas; Thevet relatou o seu uso na fabricação de redes, com Léry Gandavo e Fernão Cardim, que se referiam a fitas, ligas, charpas e redes de algodão, com numerosas alusões aos processos de tecelagem rudimentar. Gabriel Soares, além de registrar o nome indígena do algodão "MANUM", recolheu a tradição de terem os franceses e seus mamelucos levado à França o algodão brasileiro, que assim teria contribuído para o tratamento do vestuário na Europa.

No século XVIII, também os "Diálogos das Grandezas do Brasil", se referia a possibilidade do maior aproveitamento do algodão indígena, outro grande presente da América ao mundo. Fornecido, a princípio, pelos indígenas aos europeus inclusive aos franceses, holandeses no Maranhão e na foz do Amazonas, alterou-se essa situação com a conquista dessas regiões pelos lusos-brasileiros, na primeira metade daquele século. Com o seu plantio pelos últimos, estes é que passaram a fornecer aos próprios indígenas, conforme mencionaram Heriarte e outros. Pouco depois, novelos de algodão corriam como moeda, pagando-se o trabalho forçado dos índios com varas de panos.

Além do Estado do Maranhão, também era produtora de algodão a capitania de São Vicente, que o exportava para o Rio de Janeiro e Bahia. E para o consumo local, outras regiões igualmente o produziam (1).

Somente na segunda metade do século XVIII passou a ser requisitado como matéria prima para o abastecimento das fábricas têxteis que surgiam na Europa, com a revolução industrial, foi alçada de sua posição secundária para ocupar espaço importante na economia agrário-mercantil da colônia (2).

Quando ocorreu o primeiro surto exportador do algodão no Brasil, passou a constituir, a partir do terceiro quartel do século XVIII, um dos componentes da pauta de exportações brasileiras para a Europa.

Nessa fase do algodão no Brasil, dois aspectos devem ser ressaltados pela importância que tem para a compreensão do desenvolvimento da cotonicultura nordestina.

O primeiro refere-se ao fato de que o Maranhão constitui, então, a principal área produtora/exportadora, cabendo o segundo lugar em importância às províncias nordestinas. Isso significou, em termos regionais para o nordeste, uma diversificação da economia, na medida que, pela primeira vez surgiu a possibilidade de exportação de um produto que não fosse o açúcar.

O segundo aspecto diz respeito ao fato de que as condições de cultivo e beneficiamento do algodão permitiram que a cotonicultura se tornasse atividade de agricultores que dispunham de poucos recursos financeiros.(3)

2 - O algodão na economia brasileira e no nordeste

O algodão no Brasil já era utilizado pelos indígenas antes da vinda dos europeus. Com a colonização o seu cultivo se difundiu. Fiado e tecido em panos grosseiros, servia para vestimenta dos escravos e classes mais pobres da população. Exportou-se mesmo ocasionalmente, em pequenas quantidades. Até o terceiro quartel do século XVIII, quando começa a ser exportado regularmente, o algodão nada mais representa que uma insignificante cultura de expressão local e valor mínimo. É somente quando se torna mercadoria de grande importância no mercado internacional que o algodão a aparecer, tornando-se mesmo uma das principais riquezas da colônia.

A primeira remessa de algodão brasileiro para o exterior, data ao que parece de 1760, e provem do Maranhão que neste ano exporta 651 arrobas. De Pernambuco exporta-se a partir de 1778, sendo em quantidade insignificante até 1781. A Bahia e o Rio de Janeiro seguirão o passo. Mas é no Maranhão que o progresso da cultura algodoeira é mais interessante, porque ela parte aí do nada, de uma região pobre e inexpressiva no conjunto da colônia. O algodão dar-lhe-á vida e transforma-la-á, em poucos decênios, numas das mais ricas e destacadas capitânicas. Deveu-se isto em particular a Companhia geral do comércio do Grão-Pará e do Maranhão, concessionária desde 1756 do monopólio desse comércio.

A cultura do algodão disseminar-se-á largamente pelo território brasileiro. Sua área de difusão estendem-se desde o Extremo Norte (onde até o Pará tem sua pequena exportação), até o planalto dos Campos Gerais (atual Estado do Paraná), e avança na base da Serra mais para o sul, até a latitude de 30°S nas proximidades de Porto Alegre. Para o interior, até Goiás produzia e exportava algodão. (2)

A cultura algodoeira feita no nordeste desde, o início da colonização, teve sua fase estagnação durante o século XVII e a primeira metade do século XVIII. Desenvolveu-se depois, em consequência da revolução industrial, com o desenvolvimento da indústria têxtil que até então se processava na Inglaterra. Portugal, como usufrutário de nossas

riquezas, ganhando somas enormes como intermediário entre o Brasil e a Inglaterra, estimulou a cultura deste produto e criou em 1751 uma estação de Inspeção do Algodão e, logo após, uma Alfândega do Algodão. A sua cultura, que se iniciara na região úmida, logo se propagou para o Agreste e o Sertão como que repelida pela cana e pelo clima. Sendo cultura de ciclo vegetativo curto e produto industrializado por comerciantes estabelecidos em vilas e povoações, às vezes, até, em, engenhos e usinas, o Algodão conquistava a preferência dos ricos e pobres.

Cultura fácil, barata, democrática, deixava-se associar à lavoura de subsistência, fornecendo ao pequeno agricultor, a um só tempo, tanto produto para venda como alimentos. Produto leve o algodão era facilmente colhido por mulheres e crianças; daí uma série de vantagens para enfrentar a cana-de-açúcar nas ocasiões em que o mercado europeu necessitava de Algodão. Cultivado ao lado da cana e da pecuária a cultura algodoeira teve grande expansão durante a Guerra de Secessão, quando os E.U.A. não podia atender ao mercado europeu.

O algodão operou, após os meados do século XVIII uma verdadeira revolução agrária no Agreste. Cultura autóctone que tivera relativa importância no primeiro século de colonização, fora praticamente eclipsado no século seguinte para reaparecer estuante no século XVIII e tornou-se uma das principais culturas agrícolas do Nordeste até os nossos dias. Vários fatores contribuíram para o seu desenvolvimento: o aumento da população e o conseqüente aumento do consumo de tecidos ordinários como o "algodãozinho"; a descoberta da máquina a vapor e o seu emprego na indústria têxtil na Inglaterra e a conseqüente revolução industrial; a abertura dos portos as nações amigas por D. João VI em 1808; e os eventos políticos internacionais como a Guerra de Secessão, eliminando do mercado internacional, por período relativamente longo, concorrentes que dispunham de técnicas mais aperfeiçoadas e de produto de melhor qualidade que o do Nordeste brasileiro. Por isso podemos dizer que, desde 1750 até 1940, o algodão foi um dos principais produtos nordestinos e o único que enfrentou a cana-de-açúcar com algum êxito, na disputa às terras e aos braços.

Foi a partir de 1750 que o algodão começou a ter importância e a pesar na economia nordestina, o governo criou uma Inspeção do Algodão, depois transformando-a em Alfândega do Algodão, destinada a fazer o exame e a classificação do artigo destinado a exportação. As culturas eram feitas, inicialmente, na própria região da mata, mas penetrava cada vez mais para o interior, uma vez que a proporção que se distanciava do litoral, encontrava condições naturais mais favoráveis ao seu desenvolvimento.

O desenvolvimento da cultura do algodoeiro tornou-se maior no início do século XIX, quando passou-se a retirar o óleo da semente; desenvolveu-se mais ainda após a abertura dos portos quando o Recife ligado diretamente ao comércio inglês e depois ao francês, teve os preços dos produtos de exportação elevados consideravelmente. Na década de 1841-50 foram introduzidos em Pernambuco mudas de algodão herbáceo de origem norte-americana que logo se alastraram pelo Agreste e Sertão, adaptando-se em municípios os mais diversos quanto às condições climáticas. Davam-se, assim, alicerces sólidos ao verdadeiro rush algodoeiro que atingiria o clímax durante a Guerra de Secessão (1860 - 64), quando o sul dos Estados Unidos sem o controle dos mares, viu-se fora do mercado consumidor Inglês.(4)

3 - A posição da cultura algodoeira na vida sócio/econômica Norte riograndense no período de 1860 a 1870.

A cotonicultura se estabeleceu como atividade importante na vida sócio/econômica norte riograndense a partir do primeiro ciclo do algodão que iniciou-se com a guerra de Independência do E.U.A. e encerra-se no início da terceira década do século XIX, quando se origina a queda das exportações brasileiras. O Rio Grande do Norte, mesmo não atingindo a condição de grande produtor, tinha no algodão, já em 1808 um dos ramos mais copioso deste país, (algodão era cultivado não somente nas grandes propriedades, mas também em pequenas e médias propriedades possibilitando aos pequenos e médios lavradores a obtenção de uma renda monetária bem maior, com a conseqüente maior isenção na economia de mercado).

Com a seca de 1844/45, que destruiu ampla parcela do rebanho potiguar a cotonicultura teve acelerada sua expansão ocupando áreas antes exclusivamente pecuárias, como o Seridó. O segundo "ciclo do algodão" sucedeu os anos 60 com a subida dos preços gerada pela "Guerra da Secessão (1860-1864)", que suspendeu o abastecimento da indústria têxtil européia pelas suas habituais fontes norte-americanas ocasionando uma séria crise conhecida por "Cotton Hunger". Entretanto de duração proporcionalmente curta 1863 a 1872_, a cotonicultura apresenta uma grande expansão, disputando mesmo terras com a cultura da cana-de-açúcar. Durante o 2º "ciclo do algodão" do Brasil, a exportação do Rio Grande do Norte expandir-se-á muita rapidamente, tendo como principais regiões produtoras o Agreste e a Zona Serrana.(5)

Com a eclosão da Guerra de Secessão do Estados Unidos o Rio Grande do Norte mereceu, por acaso, sua cota. As 13.528 arrobas de 1851, pularam para 140.000 em 1866. A exportação para portos estrangeiros que fôra, em 1859-60, de 272 : 478\$ 320, subiu de 1860-61 subiu para 3.027 : 762\$! O intercâmbio acelerou-se numa política instintivo de compensação comercial. Só pelo porto de Liverpool vieram mercadorias no valor de 512 : 412\$ 393 em 1859-60. A navegação de cabotagem crescia igualmente. Pernambuco, nosso

melhor mercado, estava em 1º lugar, cabendo o 2º ao Ceará. É o tempo que Fabrício Gomes Pedroza funda a casa de Guarapes, na curva do potengi comprando açúcar e algodão e exportando-os para Europa em barcos que encontravam na barraca do rio, em jornada direta.

"O algodão atravessou esses anos de marcha ascendente. Em fevereiro de 1868 o presidente Gustavo Adolf de Sá analisando o orçamento de 1863-1866, mostrava que a receita obtivera um superávit de 116 : 825\$ 494. e advertia profético: cumpre notar-se que esse considerável ^{acrescento da renda} não proveio de causa alguma permanente e duradoura, mas só do elevado preço do algodão no qual incitou os agricultores a planta-lo em maior quantidade". (6)

Após o término da Guerra Civil norte-americana os Estados Unidos voltarão ao mercado europeu abastecendo seus antigos compradores com algodão de qualidade superior ao nosso. Este fato reduziu bastante, as exportações brasileiras, provocando uma enorme crise em todo o país.

Esta crise repercutiu, profundamente no Rio Grande do Norte, provocando o fechamento em Guarapes da firma Comércio Fabrício Gomes Pedroza. O governo do estado que auferia do algodão exportando-o a maior parte dos recursos financeiros para manter a burocracia estatal foi obrigado a contrair empréstimo no Banco do Brasil para cobrir os seus déficits.

Ao mesmo tempo em que a conjuntura internacional era desfavorável às exportações brasileiras, as nossas fábricas de tecido aumentaram a demanda do algodão nacional em proporção superior à sua capacidade produtiva. Dessa forma os agricultores encontram outra alternativa para continuarem se dedicando a cotonicultura.(7)

Enfim o período estudado, 1860-70, dificultou a elaboração deste trabalho como: a inexistência de estudos historiográficos que se dediquem propriamente à história econômica do estado, como também a dificuldade de obtenção de dados estatísticos que possibilitando a montagem de gráficos e tabelas, permitissem elucidar as relações do mercado externo com a economia Norte-Riograndense neste espaço de tempo estabelecido.

fca

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - FRANCO, Afonso Arinos de Melo. - *As idéias políticas dos inconfindente*. c.p III - A
Fabricação de Tecidos, In terra do Brasil - São Paulo, 1939.
- 2 - PRADO JÚNIOR, Caio. - *História econômica do Brasil*. 25º, ed, S.d. Brasiliense, 1980.
- 3 - TAKEIA, Denise Monteiro. - *Um outro nordeste: o algodão na economia do Rio Grande do Norte*. (1880-1915). Fortaleza, BNB - ETENE, 1985.
- 4 - ANDRADE, M. C. de. - *A terra e o homem no Nordeste*. 4 ed., São Paulo, Ciências Humanas, 1980.
- 5 - A'RBOCZ, István Inre Lászalo. - *Ensaio sobre a História econômica do Rio Grande do Norte*. Natal, UFRN. ed. Universitária, 1986.
- 6 - CASCUDO, Luís da Câmara. - *História do Rio Grande do Norte*. ed. Fundação José Augusto, 1984.
- 7 - SOUZA, Itamar de. - *A república velha do Rio Grande do Norte*. (1889-1930). ed. Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.



BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 - LYRA, Augusto Tavares de. *O Rio Grande do Norte*. 1911, Rio de Janeiro, Typografia do jornal do comércio.
- 2 - TAKEIA, Denise Monteiro e Silva, Hermano Machado Ferreira da. - *História política administrativa da agricultura do Rio Grande do Norte*. (1892 - 1930). Proed. 1ª Ed.
- 3 - MEDEIROS, Tarcísio. - *Aspectos geopolíticos e antropológicos da História do Rio Grande do Norte.*, Natal, Imprensa Universitária, 1973.
- 4 - REVISTA, Terra e Sal. - V.6, Nº.6. 1985. Natal, UFRN. Ed. Universitária.
- 5 - SILVA, Marconi Gomes e Outros. - *A economia Norte-Riograndense e a crise de 29*. Natal, UFRN. Ed. Universitária. 1986.
- 6 - SINGER, Paul. - *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. 2. ed., São Paulo. Nacional.
- 7 - STEIN JR, Stanley. - *Origens e evolução da indústrias têxtil no Brasil*. (1850 - 1950), Rio de Janeiro, Campus, 1979.
- 8 - SILVA, Alcir Veras da. - *Algodão e Indústria têxtil no nordeste : uma atividade econômica regional*. Natal, ed. Universitária, 1980.

Bibliografia sobre

